

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO - CED
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – EDC
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA
NATUREZA E MATEMÁTICA

Josimeri Gasparetto

A questão da variação linguística e o ensino de Ciências da Natureza e Matemática:
apontamentos iniciais

Florianópolis, SC

2020

Josimeri Gasparetto

A questão da variação linguística e o ensino de Ciências da Natureza e Matemática:
apontamentos iniciais

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Departamento de Ciência da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo – Área das Ciências da Natureza e Matemática.
Orientador: Prof. Dr. Juliano Camillo

Florianópolis, SC

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gasparetto, Josimeri

A questão da variação linguística e o ensino de Ciências da Natureza e Matemática: apontamentos iniciais / Josimeri Gasparetto ; orientador, Juliano Camillo, 2020.

45 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Educação do Campo, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Educação do Campo. I. Camillo, Juliano. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação do Campo. III. Título.

Josimeri Gasparetto

A questão da variação linguística e o ensino de Ciências da Natureza e Matemática:
apontamentos iniciais

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de
“Licenciada em Educação do Campo” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação
do Campo

Florianópolis, 31 de janeiro de 2020.

Prof., Dr(a) Adriana Angelita da Conceição
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof., Dr. Juliano Camillo
Orientador
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Prof., Dr. Danilo Piccoli Neto
Avaliador
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Prof., João Otavio Garcia da Silva
Avaliador
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Odília Sirtori Gasparetto e Agostinho Gasparetto, aos meus três irmãos: Roberto, Rudimar e Dilmar, e demais familiares que compreenderam os momentos de distância e ausência para que meu sonho fosse possível.

Ao meu companheiro Hilton, o qual foi porto seguro nos momentos de angústia e inspiração durante os estudos.

Às amigas Izamara, Marta, Eduarda, Fabiana e Viviane por todo apoio.

Aos colegas de classe que sempre contribuíram de alguma forma, aos quais sou muito grata.

Ao Professor Orientador Dr. Juliano Camillo pela dedicação, auxílio e apoio ao trabalho desenvolvido.

Aos professores que compartilharam ideias e conhecimentos, sou muito grata por cada momento.

A Deus, ao qual serei eternamente grata por tudo o que sou, por cada conquista.

RESUMO

Considerando-se a literatura existente no Brasil sobre a língua falada e escrita (o português), conhecimentos populares, carregados de heterogeneidade ao expor ideias e conceitos, e como pode influenciar no ensino de Ciências nas salas de aulas do Ensino Fundamental? Seja por professores que defendem que falar difícil é falar bonito ou ainda por estudantes que gostariam de colaborar, questionar e até muito provável com teses dos mais diferentes entendimentos, mas por “medo” de falar diferente, acabam se calando. Busco estudar esta temática, refletindo sobre o estudo de “expressões populares”, advindo de pessoas do campo, estão sendo investigadas o conhecimento existente nelas, pelos professores da Área de Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesta reflexão, pretendo ainda pesquisar se há assuntos relacionando educação e ciência (com registros populares). Sabe-se que existe, concretamente, heterogeneidade linguística, embora ainda haja gramáticos normativos que dizem ser a norma explicitada na gramática, a única forma correta para escrever e falar o português. À luz dos linguistas que trabalham com a questão da norma culta e popular, bem como a origem das principais discussões acerca do ensino em salas de aulas, busco com esse Trabalho de Conclusão de Curso instigar o olhar voltado na educação, explicitar conceitos em torno destes termos por meio da pesquisa bibliográfica e explorar por meio de pesquisas, observações e reflexões acerca das aulas (professores x estudantes x professores), uma vez que pretendo aprofundar mais esse tema em momento posterior, buscando entender ao final se é possível existir uma proposta metodológica interdisciplinar, transdisciplinar e pluridisciplinar do Ensino de Ciências e Matemática na Educação Básica, a partir de diferentes variações linguísticas da língua falada e escrita.

Palavras-chave: Variações linguísticas. Educação. Ensino de Ciência.

ABSTRACT

Considering the existing literature in Brazil on the spoken and written language (Portuguese), popular knowledge, loaded with heterogeneity when exposing ideas and concepts, and how can it influence the teaching of Science in the elementary school classrooms? Whether by professors who argue that speaking difficult is speaking beautiful or even by students who would like to collaborate, question and even very likely with theses of the most different understandings, but because of “fear” of speaking differently, they end up being silent. I seek to study this theme, reflecting on the study of “popular expressions”, coming from people in the countryside, the knowledge existing in them is being investigated by professors in the Field Education Area at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). In this reflection, I also intend to research if there are issues relating education and science (with popular records). It is known that there is, concretely, linguistic heterogeneity, although there are still normative grammarians who say that the norm is made explicit in the grammar, the only correct way to write and speak Portuguese. In the light of the linguists who work with the issue of the cultured and popular norm, as well as the origin of the main discussions about teaching in classrooms, I seek with this Course Conclusion Work to instigate the look focused on education, to explain concepts around these terms through bibliographic research and explore through research, observations and reflections about classes (teachers x students x teachers), since I intend to go deeper into this topic at a later time, seeking to understand at the end whether it is possible to have a methodological proposal interdisciplinary, transdisciplinary and multidisciplinary teaching of science and mathematics in basic education, based on different linguistic variations of the spoken and written language.

Keywords: Linguistic variations. Education. Science teaching.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
1.1 OBJETIVOS.....	11
1.1.1 Objetivo Geral.....	11
1.1.2 Objetivos Específicos.....	11
2. VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E O ENSINO.....	12
2.1 Estudos Sobre a Linguagem e o Ensino de Ciências.....	12
2.2 Resumindo Possíveis Problematizações.....	26
2.3 Analisando a Situação em Sala de Aula.....	28
3. CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	33
ANEXOS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Desde muito cedo, o que me instiga é a existência do universo, nesta tentativa de tentar entendê-lo, porém sem bibliotecas para consultar e/ou família, busquei a compreensão pela natureza e histórias contadas pelas pessoas simples da comunidade. Posterior a ouvi-las brincava de educadora em meio as árvores, com intuito de passar o conhecimento e discutir, essa sede por curiosidade, por compreensão, circunstâncias e lutas que encaminharam-me para a docência, a qual como nível médio, cursei magistério¹ e por anos, trabalhei e trabalho como educadora, seguindo após o Magistério para a Licenciatura em Letras (Português, espanhol e literaturas), instigada pelo preconceito linguístico existente nas salas de aulas, pelas/pelos próprias/próprios profissionais com estudantes advindos de localidades diferenciadas, e sendo eu também já vítima anterior deste preconceito. Comecei a levantar a possibilidade de estudar mais sobre essa temática no final do Curso de Letras². Continuei a trabalhar como educadora, já com um olhar diferenciado sobre as falas em geral. Em 2015, na escola em que eu lecionava surgiu um panfleto, no qual evidenciava o Curso De Ciências da Natureza e Matemática (Licenciatura em Educação do Campo), com proposta diferenciada e vestibular aprovado, ingressei no curso, o qual terminarei em 2020. Ainda na minha trajetória, além de educadora, circulei por outros ambientes de trabalho, todos colaboraram para a ideia de conhecimentos contados (oralmente e simples), bem como a riqueza dos mesmos, desde uma receita natural e caseira para afastar pequenos insetos das hortaliças até várias formas de fazer um diferenciado doce caseiro. Neste último momento, trabalho como Professora de Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental. A frequência em muitas escolas do município (em vários momentos oportunos em 2018), bem como contato e conversas com muitas pessoas, passei a considerar mais ainda meus questionamentos, minhas observações anteriores e consequentemente a tentativa de estudar mais sobre a temática.

O assunto do ensino de ciências, juntamente com a variação linguística, quase não se encontra na literatura especializada. Ao mesclar o ensino de ciências e o preconceito linguístico, há questionamentos viáveis a serem estudados, para tanto digitei em sites diversos a busca pela

¹ Ensino Médio com Magistério na Escola Normal José Bonifácio (Erechim-RS- Conclusão em Agosto de 2005).

² Trabalho de Conclusão de Curso: O Português Popular falado e escrito na sala de aula - defesa em 2011 – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI - Erechim).

temática, de formas variáveis, obtendo os seguintes resultados: Nas pesquisas realizadas sobre educação e ciências no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Ao buscar teses da educação e ciências da natureza no portal, apenas dois relacionados. Ao pesquisar teses sobre educação, ensino de ciência e preconceito linguístico, o resultado foi zero. Ainda pesquisei no portal: educação em ciências e variações linguísticas, sendo o resultado também zero. Por fim, pesquisei no google acadêmico: educação em ciências e variações linguísticas, apareceram vários artigos, porém mesclando com ensino e língua materna ou ensino e redes sociais ou ainda o ensino e o livro didático de língua portuguesa, sendo que sobre área de Ciências (educação) e variação linguística, nada encontrei.

Contanto, faz-se necessário ter apontamentos de estudo nessa área, se realmente a mesma influencia ou não a aprendizagem. Então, a não valorização da fala local (ou das variações linguísticas populares) contribui para o silenciamento das/dos estudantes nas salas de aulas de ciências?

Ainda, considerando a fala local (carregada de várias significações e jeitos de falar), pode-se questionar até que pontos nossas/nossos estudantes (de forma simples e cotidiana) dialogam com as pessoas que conhecem histórias locais? Sejam pais, avós, vizinhança, etc. Como pessoas com outras vivências, muitas delas tradicionais advindas de conhecimentos populares e aprendizados ao longo das gerações, explicam lendas, mitos, acontecimentos passados?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Realizar apontamentos sobre as variações linguísticas e suas influências no ensino em sala de aula.

1.1.2 Objetivos Específicos

Identificar na literatura específica se e como o tema está presente;

Identificar como a variação linguística pode manifestar relações com a educação;

Explicitar o que pode ser preconceito linguístico em sala de aula;

2 VARIAÇÕES LINGUISTICAS E O ENSINO

A língua é algo que permeia nossas vidas. As primeiras palavras, a língua materna, o convívio social, o ensino, enfim, estamos em constante utilização da língua e conseqüentemente da linguagem.

A língua e linguagem estão relacionadas entre elas, pois uma depende da outra para elaborar e transmitir uma mensagem. A língua é que caracteriza a comunicação com meio social, por meio da organização do pensamento e da fala entre interlocutores. Muitos estudiosos tratam a língua como sistema de signos, o que também aparecerá nos estudos a seguir.

2.1 ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM E O ENSINO DE CIÊNCIAS

Conforme exposto na introdução do texto, ao pesquisar na internet o ensino de ciências e o preconceito linguístico, em sites diversos (Google acadêmico, Portais de revistas e pesquisa em geral) a busca por essa temática de formas variáveis, obtive os seguintes resultados: Nas pesquisas realizadas pelos termos educação e ciências no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), apareceram 50 títulos (maioria notícia de premiação), porém relacionado com Ciências Contábeis. Ao buscar teses da educação e ciências da natureza no portal: dois relacionados. Ao pesquisar teses sobre educação, ensino de ciência e preconceito linguístico: o resultado foi zero. Ainda ao buscar no portal: educação em ciências e variações linguísticas: o resultado também zero. Por fim, ao pesquisar no google acadêmico: educação em ciências e variações linguísticas, apareceram vários artigos, maioria mesclando com ensino e língua materna ou ensino e redes sociais ou ainda o ensino e o livro didático de língua portuguesa, sobre área de Ciências (educação) e variação linguística, não encontrei nenhum artigo. Portanto, não obtendo resultados expressivos sobre os assuntos pesquisados, reforça-se a necessidade de buscar pesquisar e aprofundar mais a respeito das relações entre estudos envolvendo linguagem e a educação em ciência.

Na literatura possui vários autores que falam sobre a temática variação linguística, e ainda mais especificamente o pensamento em uma pedagogia da variação linguística (CORREA, 2009). Porém antes de expô-la aqui, é necessário falar sobre a origem da língua:

Pensar em uma pedagogia da variação linguística requer, primeiramente, o (re)conhecimento de que “Línguas são artefatos históricos, construídos coletivamente ao longo de centenas ou milhares de anos” (OLIVEIRA, 2009).

Percebe-se que, a língua única, defendida em algumas situações, pode ser o resultado de fatos históricos que possuem “sua origem em políticas linguísticas” (CORREA, 2009).

É através das línguas que as sociedades humanas, definidas como comunidades linguísticas produzem a maior parte do conhecimento de que dispõem e é através da língua que são construídos os sistemas simbólicos de segunda ordem, como a escrita ou as matemáticas, e que permitem a ação humana sobre a natureza e sobre os outros homens (OLIVEIRA, 2009).

Portanto, pode-se inferir que se é por meio da língua que é possível construirmos meios de sistemas simbólicos de uma política linguística, e os registros influenciam a ação humana, contanto também deduz-se que nossas vivências hoje e nossos registros, influenciarão nossa sociedade no futuro, ou seja, pode-se ainda dizer que se silenciarmos alguém ou uma parcela da sociedade das suas formas de expor (falar), corremos risco de não possuímos esse importante registro social, o qual pode se manifestar em nossas salas de aulas por meio do diálogo entre professores e estudantes.

Dessa forma, sabe-se que a linguagem é de grande importância no desenvolvimento do ser humano. Por meio dela, desenvolvemos novas e mais funções mentais, que serão reforçadas pela natureza das experiências sociais a que estamos expostos (Vygotsky, 2008). A linguagem e a sua interação com meio social, permite que nos tornamos sujeitos da sociedade.

Dentro dos campos das possibilidades, supõe-se que não há como estudar variação linguística e se há preconceito linguístico em sala de aula e suas influências para aprendizagem e ensino de educação em ciências, sem antes compreendê-lo.

Por meio de pesquisa bibliográfica (livros, sites, revistas, artigos...), relacionadas com área de linguagens, encontra-se várias discussões sobre a variação linguística e preconceitos, percebe-se que as mesmas surgem principalmente ligadas aos meios sociais, como forma de poder e controle da sociedade.

Discute-se que a diferença social é um dos motivos de fracassos em escolas públicas. Segundo Soares (2002), há diferentes teorias que tentam, de forma supostamente científica, explicar tais fracassos. Além da “ideologia do dom”, que tenta justificar os problemas escolares

dizendo que todos têm oportunidades iguais, porém, não possuem as mesmas habilidades, há, ainda outras, a “ideologia da deficiência cultural” e a “ideologia das diferenças culturais”. Segundo a autora, “ideologia da deficiência cultural”, as crianças provenientes de classes oprimidas, por não possuírem as mesmas condições socioeconômicas e por não terem acesso aos conhecimentos que as outras têm, apresentariam dificuldades de aprendizagem. Portanto, essa teoria, por usar como modelo o comportamento das classes dominantes, apresenta a criança pobre como sendo deficiente e reconhece, na maneira de falar dos privilegiados, a única verdadeiramente correta, fazendo assim com que o falar represente uma forma de status social. É valorizado quem “sabe falar” e estigmatizado quem “fala mal”.

Segundo a “ideologia das diferenças culturais”, há diferentes falares de acordo com as regiões em que vivem os falantes, diferentes dialetos. Da mesma forma que não se pode falar em língua superior ou inferior, não se pode falar em dialeto superior ou inferior. Mas, por causa dos preconceitos sociais, certas regiões do país são valorizadas e, outras, estigmatizadas.

Bagno (2002) diz que a língua é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa, não. Ao expor sobre preconceitos linguísticos, o autor lembra e dissecar alguns mitos, um deles é a educação não reconhecer que o português falado no Brasil é bem diversificado; muitas vezes a escola tenta impor a norma linguística como se ela fosse de fato comum a todos os brasileiros, quando envolve as diferenças de status social. Outro fato é que o nosso português é diferente do português falado em Portugal. A língua falada no Brasil, do ponto de vista linguístico, já tem regras de funcionamento e, cada vez mais, se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Nenhum dos dois é mais certo: são apenas diferentes um do outro e atendem às necessidades linguísticas das diferentes comunidades.

Por mais que a grande maioria da população brasileira diga não saber português, porque é muito difícil, todo falante nativo de uma língua sabe essa língua, porque saber a língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de seu funcionamento. Ocorrem estes dizeres por causa da cobrança indevida, por parte do ensino tradicional, de uma norma gramatical que, muitas vezes, não corresponde à realidade da língua falada no Brasil.

Há outros mitos que Bagno (2002) desfaz em sua obra quanto à fala e escrita, variações linguísticas e, também, quanto à política das classes marginalizadas que são, muitas vezes, desprezadas pelo seu falar diferente.

A situação de multilinguismo no Brasil, com as línguas indígenas (que aqui viviam), com a chegada dos imigrantes, mas, principalmente, dos africanos, pois a forma precária como

os africanos tiveram que aprender a língua portuguesa e que Lucchesi (2002) denomina Transmissão Linguística Irregular, também vai se refletir nas características gerais do português do Brasil constituindo-se num elemento importante para o entendimento da situação linguística com a qual convivemos na atualidade em nossas escolas e na sociedade de um modo geral.

Bagno (2002, p.26) diz que:

[...] quando se trata de língua só se pode qualificar de erro aquilo que compromete a comunicação entre os interlocutores, portanto desde que os enunciados produzidos pelos falantes sejam compreensíveis, essas formas linguísticas são perfeitamente aceitáveis, pois cumprem seu objetivo que é a comunicação eficiente entre os indivíduos.

Portanto, a concepção de erro em linguagem pode ter um caráter puramente social e não linguístico, já que esta ciência considera a língua em toda a sua variabilidade e heterogeneidade, não fazendo julgamentos equivocados que discriminam o falante por meio do uso que este faz da sua língua.

Na verdade, o que a escola, a sociedade de uma maneira geral costumam denominar de erro linguístico são as formas da linguagem utilizadas por pessoas pouco escolarizadas ou totalmente analfabetas desprovidas de bens econômicos e sociais, visto que inúmeras pesquisas linguísticas já demonstraram que todas as normas faladas são heterogêneas, mas a norma popular, de que se valem as pessoas pertencentes aos estratos mais baixos da população brasileira sofre uma profunda estigmatização, pois como afirma Gnerre (1991, p. 23), “uma variedade linguística vale, o que valem na sociedade os seus falantes”. Assim, é preciso desmistificar a ideia de que as formas linguísticas utilizadas pelas classes populares são erradas, feias e desprovidas de gramática, pois só ocorre erro linguístico se houver ininteligibilidade na construção do enunciado. Portanto, todas as variedades linguísticas são importantes, dignas de consideração e respeito, já que todas elas são igualmente complexas, seguem regras da gramática natural do falante e fazem parte de sua identidade.

Desse modo, quando ouvimos comentários de que as/os estudantes não sabem falar o português direito ou que a língua portuguesa está se deteriorando ou até mesmo empobrecendo, o que realmente ocorre é que esses indivíduos podem não ter o domínio desse padrão tido como ideal, utilizando uma variante estigmatizada que é vista como uma deturpação da primeira, usada por aqueles que “não sabem a língua” (COSTA, 2008, p.06).

Por essas diferenças e preconceitos entre seres humanos que falam a língua portuguesa das mais variadas formas, é que devemos respeitar e buscar um reconhecimento para a forma de comunicar-se diferente, mas ao mesmo tempo totalmente compreensível.

Então considerando o meio social, as/os sujeitas/sujeitos são de extrema importância para o enriquecimento da aprendizagem, pois é importante de pensar a/o sujeita/sujeito como resultado de produção histórica, os quais se apropriam de conceitos e compreendem a realidade (CHAIIBE, Maria Eduarda Dos Santos; FERREIRA, Ediene Pena, 2017).

Pode-se considerar a grande importância de relatos e/ou fatos narrados pelas/pelos estudantes, tanto para o campo das variações linguísticas, quanto para falas locais, bem como para o ensino aprendido, pois:

A narrativa permite compreender a complexidade das histórias contadas pelos indivíduos sobre os conflitos e dilemas de suas vidas. Bolívar (2002) entende-a como a qualidade estruturada da experiência percebida e vista como um relato, captando a riqueza e os detalhes dos significados nos assuntos humanos, tendo como base as evidências do mundo da vida. Reconstrói-se a experiência refletindo sobre o vivido e dando significado ao sucedido (BOLIVAR apud RABELO, 2011, p.04).

Quando a escola permite que suas/seus educandas/educandos participem de forma efetiva (relatando suas descobertas, experiências próprias ou de familiares), é possível ao profissional da educação captar detalhes dos significados daquela realidade, promovendo a reflexão do que foi e do que poderá ser, e, ainda atribuindo novos significados.

Estas mudanças na percepção do nosso passado são observadas de forma mais clara nas investigações narrativas, pois no ato de relatar a reflexividade é ativada, até mesmo porque ao interagir com outra pessoa o sujeito tem a possibilidade de tentar esclarecer os seus motivos e modos de ser (RABELO, 2011, p.06).

Portanto, quando valoriza-se as narrativas que estudantes contam, pode-se enriquecer o aprendizado, pois todos sentem-se parte do processo (escola, estudantes, professores e comunidade), não ocorrendo uma única forma de perceber e expor os acontecimentos naturais, históricos e científicos, pois se valoriza o que é contado de geração em geração (o passado),

consequentemente estaremos enriquecendo, entendendo e dando sentido ao presente (a sala de aula e ao ensino da atualidade), portanto, “a construção saber não se procede apenas na academia, e sim, antecedido por esta, temos os saberes tradicionais, cujos valores são incomensuráveis, já que transitam entre as populações de geração a geração” (CÓRDULA, 2013, p. 02). Os saberes populares, contados de forma oral (normalmente por pessoas com mais idade), com expressões e significados de acordo com a comunidade local, podem realizar muitas conexões com o “estudo científico” da sala de aula.

Dentro da sociedade em que vivemos e da forma como nos relacionamos, principalmente quando trata-se de pessoas mais simples (ou ainda de gerações que quase não frequentaram os bancos escolares), ocorre muito preconceito, “pessoas um pouco mais escolarizadas” riem e corrigem grosseiramente do falar diferente, mesmo que sejam pessoas da família (avós, bisavós...). Portanto ao trabalhar com saberes populares ou histórias locais, é uma das formas de valorizar as falas, pois podem demonstrar o que possuem de conhecimentos e experiências de vida.

Ainda de acordo com Bagno (2018), por mais que se tente lutar contra o preconceito linguístico, ele existe e continua acontecendo em nossa sociedade, não há simplesmente como acabar com ele:

isso só será possível quando houver uma transformação na sociedade em que estamos inseridos, que é uma sociedade que, para existir, precisa de uma discriminação de tudo o que é diferente, da exclusão da maioria em benefício de uma pequena minoria, da existência de mecanismos de controle, dominação e marginalização (BAGNO, 2018, p.196).

Fica evidente, que a língua ou ainda o jeito de falar é mais um dos jogos de controle que a sociedade impõe ou deseja enquanto “ser humano ideal e dentro do comportamento social desejável”.

Bagno (2018), acredita e expõe algumas formas de lutar contra o preconceito:

Primeiro, formando-nos e informando-nos. Não me canso de insistir: é preciso que cada professor de língua assuma uma posição de cientista e investigador, de produtor de seu próprio conhecimento linguístico, teórico e prático, e abandone a velha atitude repetidora e reprodutora de uma doutrina gramatical contraditória e incoerente. (BAGNO, 2018, p.196).

Neste item, entra certamente, a/o educadora/educador de ciências, pois é um campo riquíssimo para investigar, conhecer, registrar, sabe-se que principalmente, no campo das ciências existem inúmeras técnicas que garantem e garantiram a sobrevivência até hoje, que são perpassadas de geração em geração de forma oral e prática, basta ouvirmos nossos familiares relatarem como faziam para “proteger seus alimentos das pragas” ou ainda “como deixavam a terra ‘gorda’ para determinado tipo de produção realmente ser boa”. Ou ainda, como “olhavam/olham para o céu e sabem quando choverá?!” Pode-se citar inúmeros exemplos, mas o que ocorre, na maioria das vezes é que “esse tipo de conhecimento não ‘aceito na academia’ de sala de aula”, porque a sala de aula possui um manual pronto e certo, escritos por grandes cientistas estudiosos, ressalta-se aqui que esse conhecimento é importante, mas se conversar com aquele conhecimento repassado de forma simples e com linguagem compreensível na sociedade em geral, que normalmente é negado, negando os registros e esquecendo as/os sujeitas/sujeitos reais do processo de ensino e aprendizagem, provavelmente as aulas seriam enriquecidas.

Ainda Bagno (2018) retrata que, no nosso papel docente, podemos ensinar por meio do material “pronto e cobrado” (pelas secretarias educacionais, direção...), mas que é importante fazer a crítica, pensar, ainda tentar fazer relações ou permitir que as/os sujeitas/sujeitos (estudantes) relacionem com as realidades:

[...] fazendo a crítica ativa da nossa prática diária em sala de aula [...] podemos ensinar essas coisas (que são cobradas) criticando-as ao mesmo tempo e deixando bem claro que aquilo ali não é tudo o que se pode saber [...], que há um milhão de coisas ... para descobrir no universo. [...] diante das cobranças de pais, diretores... mostrar que as ciências todas evoluem... que as mentalidades mudam, que as posturas do próprio Ministério de Educação atualmente são outras, devemos nos atualizar [...]. (BAGNO, 2018, p.197).

Contanto, fazendo a análise por meio da leitura da obra “*Preconceito Linguístico*” de Marcos Bagno (2018), percebe-se vários meios de trabalharmos em sala de aula e fora dela de formas diferenciadas, que de fato valorizem todas/todos as/os sujeitas/sujeitos.

Encontra-se alguns artigos no meio acadêmico, os quais realiza-se recortes que auxiliam na reflexão. O intitulado como: A Abordagem da Linguagem no Ensino de Ciências

em Teses e Dissertações Brasileiras (2009), afirma-se sobre a importância da interação social para ocorrer o processo de ensino aprendizagem:

A concepção de que os processos de aprendizado movimentam os processos de desenvolvimento que não ocorreriam se não fosse o contato do indivíduo com um determinado ambiente cultural de onde se destaca o papel central da interação social na construção do ser humano; e a afirmação de que o mero contato com o objeto não garante a aprendizagem, o que significa que as interpretações das ações dos indivíduos são realizadas a partir dos mecanismos criados pelo grupo e compreendidos por meio dos códigos compartilhados. (GARCIA. LIMA, 2009, p.3)

Ou seja, por meio da língua e da linguagem em um determinado grupo ou comunidade, faz-se a possibilidade da compreensão, pode-se dizer que ocorre o aprendizado. Ainda as autoras do artigo falam sobre a linguagem para Vygotsky e Bakhtin:

A linguagem, para Vygotsky, constitui o mecanismo fundamental de transformações do desenvolvimento cognitivo, já que ela participa como mediadora entre a o indivíduo, a sociedade e a cultura. Semelhante a Vygotsky, Bakhtin busca na linguagem a chave da compreensão para as principais questões epistemológicas que atravessam as ciências humanas e sociais. A aproximação entre as idéias desses dois pensadores é proposta por Freitas (1999) e Souza (1995) e por outros pesquisadores com interesse na discussão sobre o papel das interações e as vias pelas quais elas se constituem ou se materializam. Enquanto Vygotsky dá ênfase à linguagem como formadora do pensamento, Bakhtin a vê como organizadora da atividade mental e essencial na constituição da consciência e do sujeito. E acrescenta que o centro organizador e formador da atividade mental não está no interior do sujeito, mas fora dele, na interação verbal. (BAKHTIN (1992) apud GARCIA & LIMA, 2009, p.3).

Ou seja, por meio de vários estudiosos entende-se que a linguagem depende da interação com outros indivíduos, com o meio social, e o mais importante que esteja atrelada ao concreto para haver compreensão. Pode-se inferir aqui, a importância de as aulas estarem relacionadas à realidade das/dos sujeitas/sujeitos.

[...] Bakhtin também ressalta a importância do contexto que é tido como um aspecto complementar ao aspecto lingüístico, ou seja, a comunicação verbal sempre vinculada a uma situação concreta. Significa dizer que quanto mais forte, bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será seu mundo interior. Portanto, seus fundamentos para a concepção de consciência são sociológicos e refletem a lógica da interação de um grupo social.

Desse modo, afirma Bakhtin, a palavra tem um lugar de importância na constituição da consciência e exerce a função de signo através do qual é possível descrever e compreender a vida psíquica. (GARCIA & LIMA, 2009, p. 4).

No decorrer do artigo as autoras Garcia e Lima (2009) expõem sobre como entendem a palavra de acordo com Bakhtin (1992), “a palavra é uma unidade da linguagem que existe para o falante em seus três aspectos: como palavra neutra da língua, como palavra alheia e como minha palavra.” Perante essa diferença, entende-se que “a experiência discursiva se desenvolve em uma constante interação com os enunciados alheios constituindo o dialogismo.” Compreende-se por meio desses conceitos como é importante a professora ou o professor, quando oriundo de outros locais, inteirar-se da realidade local, com intuito de compreender as falas das/dos sujeitas/sujeitos que ali vivem e conseqüentemente poder compartilhar outras palavras ou formas para aquela mesma fala.

Então, chega-se ao discurso, no artigo, ambas colocam sobre significado e sentido de acordo com Bakhtin (1992) apud Garcia & Lima: “definindo significado relativo à palavra abstrata, dicionarizada. E confere ao sentido um significado contextual, que exige uma compreensão ativa, supõe uma relação recíproca, além da decodificação requerida pelo significado” (GARCIA & LIMA, 2009 p. 4).

No campo das interações de conceitos explorados pelas autoras na teoria Bakhtiniana, adotam seu conceito de gêneros discursivos:

[...] na aprendizagem de Ciências há uma especificidade discursiva do conhecimento científico que de acordo com Driver (1999) apud Garcia & Lima “torna necessário que os estudantes sejam iniciados nas idéias e práticas da comunidade científica”, ou seja, que eles sejam introduzidos em uma nova cultura, a cultura científica. Porém, admitido como única forma adequada para descrever e compreender a realidade, sem permitir o diálogo com outras práticas discursivas, como a linguagem cotidiana dos alunos, produzida no contexto de diferentes grupos sociais e culturais, o conhecimento escolar apresentará, segundo Mortimer (1998, p. 103) apud Garcia & Lima, “uma ciência supostamente neutra, desprovida de implicações sociais ou compromissos éticos e políticos, cujos modelos explicativos são freqüentemente tratados como se constituíssem uma descrição fiel e correta da realidade”, apoiando-se para tanto no uso de uma linguagem científica “neutra e a-sujeitada, fria e atemporal, pretensamente universal”. (GARCIA & LIMA, 2009, p.4).

Sendo assim, colocam que até próximo aos anos 90, era a forma de repassar os conhecimentos e inserir as/os estudantes nesse meio científico. De acordo com o texto, alguns

defendem que assim deve ser o correto, já outros dizem que é necessária uma linguagem que faça a mediação entre os campos.

Para tanto, as mesmas realizaram uma análise dos trabalhos de linguagem e educação em ciências (levantamento preliminar) no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (entre 2003 e 2007). Abaixo apresentam-se alguns recortes da análise realizada e que possam vir a auxiliar para a possibilidade de aprofundar os estudos:

Outros trabalhos dessa categoria não apresentam a linguagem como único foco. Nestes trabalhos, a linguagem é um dos critérios de análise da qualidade da divulgação científica realizada em um ambiente não formal de educação ou de avaliação da apropriação de conceitos científicos por estudantes. Ainda nesta categoria há um trabalho que tem como um de seus objetivos a análise da adequação de expressões padrão da ciência ao longo do tempo. (GARCIA & LIMA, 2009, p.7).

É possível perceber que a falta de diálogo científico com a realidade das/dos estudantes não ocorre nesta primeira análise, a qual detém-se na apropriação de conceitos científicos e/ou adequação de expressões padrões da ciência. Sobre a construção de significados por meio da interação, concluem que:

A produção de sentidos ou a construção de significados é tema central em várias pesquisas, incluindo algumas que não abordam as interações, mostrando, talvez, a relevância desse aspecto para o estudo da linguagem no ensino de ciências. A especificidade discursiva da ciência como um aspecto da cultura científica e suas implicações para o aprendizado não são explicitamente mencionadas. Há, no entanto, alguns trabalhos que consideram esta perspectiva ao pesquisar obstáculos epistemológicos e a apropriação de conceitos através da aproximação entre gêneros discursivos. (GARCIA & LIMA, 2009, p.9).

Analisando os recortes acima, justifica-se ainda mais a relação da linguagem com o ensino de ciências, sua importância para de fato ocorrer um estudo, bem como, uma possível proposta de ensino que realmente interligue os campos científico (acadêmico) com a realidade local em que a escola está inserida (interação, construção de significados coletivamente), de forma que o universo escolar seja parte perceptível e acessível a compreensão das/dos sujeitas/sujeitos que a compõem. O texto reforça ainda que: “Apesar das limitações da revisão,

podemos confirmar a importância dos estudos sobre a linguagem no ensino de ciências, mostrando a heterogeneidade de contextos de produção, as possibilidades de abordagens e suas implicações para o processo de ensino e aprendizagem (GARCIA & LIMA, 2009, p.9).

Ainda finalizam enfatizando a complexidade de estudos dessa área:

[...] Considerando que há uma diversidade de concepções teóricas, tanto no campo da linguagem quanto do ensino da ciência, é de se esperar que o referencial das pesquisas seja um dos pontos relevantes da descrição do trabalho, o que não foi observado nesta revisão em grande parte dos resumos selecionados. Apesar desta ausência, destacamos a tendência sócio-interacionista das pesquisas com foco sobre o processo de produção e não apenas sobre os produtos resultantes das interações [...] (GARCIA & LIMA, 2009, p.10).

Ao averiguar mais artigos sobre a linguagem, realizou-se a leitura do seguinte: A Linguagem na Educação em Ciências: um mapeamento das publicações dos ENPECs de 2005 a 2009, o qual as autoras buscam expor sobre a linguagem e sua importância de acordo com a literatura:

[...] temos em Foucault (1999) a discussão sobre a linguagem que se coloca em movimento pelo discurso. O falar sobre é que constitui o referente e, por isso, somos, segundo o autor, seres de linguagem e não seres que possuem linguagem. De acordo com Pêcheux (1990, 1993, 2002), no entanto, a linguagem está materializada na ideologia e esta se manifesta na linguagem. O autor concebe o discurso, como efeito de sentidos entre locutores, um objeto sócio histórico no qual a linguística está pressuposta. Ele considera a linguagem como um sistema sujeito à ambiguidade e define a discursividade como a inserção dos efeitos materiais da língua na história. (CASSIANI, NICOLLI & OLIVEIRA, 2009, p.2).

Ou seja, a linguagem está exposta a seus vários sentidos, depende de seu contexto histórico e o discurso está atrelado aos efeitos da linguagem na história, pois é ou foi “registrado o que pode estar dentro de um determinado interesse histórico”. As autoras desse artigo fazem várias buscas na linguagem e ciências em trabalhos apresentados de forma oral e ao final apontam para a necessidade de aprofundamentos teóricos sobre a linguagem:

Salientamos que a falta de aprofundamentos sobre o conceito de linguagem e também de discurso nos trabalhos resultam num caleidoscópio de sentidos na utilização dos

termos. [...] Por natureza empírica da pesquisa entendemos os estudos que desenvolvem investigação em campo, como por exemplo, com alunos, professores, materiais didáticos, textos. Os denominados de natureza teórica são aqueles trabalhos que tomam como objeto de estudo as ideias ou teorias já construídas. Observa-se que em todas as edições do evento as pesquisas empíricas correspondem a mais de 80% do total de trabalhos apresentados. Apontamos com isso para a necessidade de avanços nos estudos teóricos sobre essa temática, para que possamos futuramente construir conhecimentos próprios que sirvam de apoio às pesquisas da área de educação em ciências. (CASSIANI, NICOLLI & OLIVEIRA, 2009, p.8).

Esses pequenos recortes deixam explícito a necessidade de aprofundamento teórico na área da linguagem e educação em ciências, o que poderá ser explorado e esclarecido de acordo com um ou vários estudiosos, certamente o estudo auxiliará aos profissionais da área de educação, bem como, investigadores da área científica.

Com intuito de investigar mais sobre o que há de registros na área, buscou-se mais um artigo: Educação em Ciências e Matemática: a Função da Linguagem no Contexto da Sala de Aula (KRIPKA et al 2017).

De acordo com autores do artigo:

[...] foi a invenção da escrita, baseada em linguagem, que se constituiu no avanço mais importante do conhecimento. A escrita facilitou a recuperação dos significados repassados pela interação falada e possibilitou sua divulgação para leitores, em diferentes épocas e lugares. A escrita proporcionou a base para uma nova forma de construção do conhecimento mediada pelo texto. Além disso, hoje em dia, uma diferença importante a ser considerada é que temos acesso a diferentes fontes de informação por meio de artefatos simbólicos, tais como mapas, manuais de instrução ou obras de referência literária, que atuam como mediadores em nossas ações. Nossos antepassados dependiam apenas de suas lembranças quando sentiam necessidade de aplicá-las novamente em outro contexto de seu cotidiano. Desse modo, pela importância da linguagem, na construção de conhecimentos sociais e culturais e, em particular, em processos de ensino e de aprendizagem, acredita-se ser importante compreender como os professores entendem sua função no contexto da sala de aula. (KRIPKA et al, 2017, p.3).

Autores expõem o contexto histórico da linguagem e buscam compreender como os professores entendem a mesma na sala de aula. Ainda retratam sobre diferentes estudiosos percebem a linguagem em suas pesquisas:

[...] o psicólogo Lev Semenovitch Vygotsky (1998), o linguista Gordon Wells (2001) e o linguista Michael Alexander Kirkwood Halliday (1993), identificaram que no âmbito da ontogenia, o desenvolvimento da linguagem é um recurso importante para

a aprendizagem humana e para o desenvolvimento cognitivo. (KRIPKA et al, 2017, p.3).

Apontam para discussão também vários especialistas:

Para Halliday (1978, p. 2, tradução nossa): “[...] Mediante seus atos cotidianos de significados, as pessoas representam a estrutura social, afirmando suas próprias condições e papéis e estabelecendo e transmitindo sistemas de valores compartilhados e de conhecimento.” O autor ao se referir ao ambiente ecológico e social, sugere duas funções básicas da linguagem: “[...] dar sentido à nossa experiência e atuar em nossas relações sociais. [...]” (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2004, p. 29, tradução nossa). (KRIPKA et al, 2017, p.3).

Pode-se extrair como os aspectos sociais (as relações) fazem parte da construção de significados para os seres humanos, ou seja, em determinado contexto, exemplificando aqui, a região do Planalto Norte de Santa Catarina, na qual algumas falas possuem significado totalmente diferente de outros locais: “carmario ou carmariando”, para a região essas palavras são utilizadas constantemente e quer dizer (significado): relâmpago ou relampeando, ao buscar a palavra “carmario” no site de pesquisas Google, nada consta, já “carmariando”, apareceu em uma página de rede social, chamada de “Baú das palavras esquecidas”. Nesta região, existe inúmeras palavras diferentes e com significados bem interessantes, tanto que para compreender é necessário perguntar, entender o contexto (cito isso, pois vim de outro estado há alguns anos e seguidamente apreendo novos contextos de significados).

O autor, ao abordar sobre as funções da linguagem [...] Indica que a organização da linguagem se deve à evolução de suas funções pela espécie humana. Segundo o autor: Todo o significado - e, portanto, todo o aprendizado - é ao mesmo tempo ação e reflexão.” (HALLIDAY,1993, p.101, tradução nossa) Embora não pretenda estabelecer distinção entre comunicar e pensar, as proposições de Halliday (Ibid.) integram uma teoria de reflexão sobre a experiência, na qual reflexão é entendida como “[...] construção linguística do conteúdo da experiência” (WELLS, 2001, p. 47, tradução nossa). Wells (idem) também afirma que apesar de existirem diferenças nos interesses de suas pesquisas, Vygotsky e Halliday se interessaram por investigar o papel da linguagem para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, como membro de uma cultura em particular. Assim, esses autores referem sobre a importância da aprendizagem da linguagem por meio das interações sociais, para a apropriação da cultura. (KRIPKA et al, 2017, p.4).

Pode-se depreender desse trecho que se todo significado pode ser aprendido, conseqüentemente ação e reflexão, então, toda convivência social (interação) há uma apropriação de linguagem e uma cultura própria, portanto não haveria “dizeres mais importantes ou menos importantes”, mas compreendidos e aprendidos de maneiras e contextos diferentes.

[...] no emprego de instrumentos semióticos, como meios de comunicação, especialmente no caso da linguagem, as pessoas constroem/expressam suas culturas e as transmitem para gerações futuras, em interações cotidianas. Destacam-se também as contribuições do antropólogo sociocultural James V. Wertsch (1999), relacionadas ao ensino de Ciências, relativas à ideia da aproximação sociocultural à mente. O pesquisador propõe compreender o fenômeno da mente humana, por uma abordagem sociocultural, em que considera o meio social e material decisivos nesse processo. Em seus princípios teóricos, propõe compreender o funcionamento humano por meio da “ação mediada” em “processos mentais”, em “contextos socioculturais” particulares. (KRIPKA et al, 2017, p.5).

Por meio da linguagem que as pessoas passam suas culturas de gerações em gerações as interações cotidianas, são realizados estudos e o fenômeno da mente humana é observado nos contextos socioculturais. O artigo expõe também:

[...] manifestação da linguagem, falada ou não falada, auxilia a pessoa a estabelecer relações com o mundo em que vive, possibilitando observar e comunicar fenômenos complexos. A linguagem enquanto meio de comunicação remete a uma das funções básicas, identificadas por Vygotsky (1998), que é a de “intercâmbio social”. Para o autor, o desenvolvimento da linguagem é impulsionado pela necessidade de comunicação na “interação social”. Halliday (1993) defende que a linguagem é um recurso para a vida em sociedade. Entende que a maneira de interpretar um contexto de uma situação determina como um indivíduo decide, bem como, o que se decide, influencia em uma situação. Considera um marco decisivo para o desenvolvimento da linguagem, a comunicação de modo interativo e a interpretação da experiência. Os participantes também argumentam que a linguagem tem a função de ser um meio de comunicação na sala de aula do ensino de Ciências e Matemática, quando se referem ao fato de a linguagem possibilitar: entendimento recíproco; mediação; expressão; descrição; explicação e transmissão de informações. (KRIPKA et al, 2017, p.9).

Neste trecho acima fica evidente que além da linguagem para a interação social, possui a linguagem da sala de aula nas aulas de Ciências e Matemática, a qual possibilita o entendimento recíproco, ou seja, das professoras e/ou professores e estudantes (todos compreendem o que é dito), mas pode-se inferir um questionamento: “de fato a linguagem

utilizada em sala de aula é de entendimento recíproco?” Ou quando é transmitido ao estudante que a água adequada para beber deve ser: “incolor, inodora e insípida” (exemplo próprio de situação em sala de aula no ensino fundamental - presenciado), sem fazer qualquer relação com o contexto... há grandes possibilidades de estudantes “decorar para a prova sem saber o que significa cada palavra”, ou seja, não houve de fato o entendimento recíproco.

Ainda buscando mais um pouco sobre estudos relacionando a linguagem e sua influência na aprendizagem:

Partindo de dois estudiosos que discorrem sobre a linguagem e aprendizagem (Vigotski e Freire), possuem “elementos para superar o dualismo reconhecendo a profunda interconexão entre os planos individual e social na análise dos processos de formação humana” (CAMILLO, 2015, p. 141).

Estes permitem tanto no que discorre sobre o processo histórico e o de ensino-aprendizagem, o qual perpassa a educação. “Ainda dentro do desenvolvimento humano, o mesmo ocorre de diferentes formas e por diversos autores ou longo da história, alguns exemplos: Hegel e Marx no desenvolvimento histórico, Freire na educação e Popper e Bachelard na ciência” (CAMILLO, 2015, p. 141).

Nestes últimos, é que pode-se desprender a importância de entender o ensino da ciência (científico), como pergunta inicial, dentro de uma problemática geral no processo de ensino-aprendizagem, pois quase toda ciência desenvolve-se de uma observação simples do cotidiano, a qual muitas vezes pode ser exposta na sala de aula da forma informal ou seja carregada de variações linguísticas locais (regionais).

2.2 RESUMINDO POSSÍVEIS PROBLEMATIZAÇÕES

Por fim apresenta-se a problematização que foi um pouco estudada e realizado alguns apontamentos: Existe de fato influência positiva ou negativa por meio da fala e da escrita no Ensino de Ciências e Matemática na Educação Básica?

Hipóteses:

As hipóteses ainda devem ser estudadas e aprofundadas, a terceira já está em desenvolvimento de estudo neste trabalho construído até aqui.

- O estudante muitas vezes se cala quando “corrigido”.
- Estudantes e professores sentem-se mal quando há uma fala diferente e colegas riem da maneira de se expor.
- Estudante vem de casa com muitos conhecimentos aprendidos na vivência familiar por meio da observação, associação e pode enriquecer e dar significado para as aulas com conhecimento artesanal, mesclando com o científico.

2.3 ANALISANDO A SITUAÇÃO EM SALA DE AULA

Em estágio realizado em 2019, nas turmas de 2º ano do Ensino Médio, envolvendo em torno de 60 estudantes, 92% advindos do Campo, percebeu-se nas falas das aulas de física, química, biologia e matemática, muitas variações linguísticas, as quais não prejudicavam em si a mensagem final, como por exemplo: ao construirmos um canteiro agroecológico, estudantes falaram: “ah lá em casa nós fazimos isso também e dá certo mesmo, as planta cresce rápido e se desenvolve...” fala que foi cortada pelo profe regente do momento para correções linguísticas e a estudante que estava envolvida e empolgada, calou-se, buscando um canto para se esconder, por meio desta fala, foi possível perceber a frustração daquele momento, a vergonha e silenciamento. Após este fato, vários outros foram presenciados, e tomado nota, com circunstâncias de cortes iguais.

Ao conversar com estudantes em momentos diversos (roda de conversa no intervalo ou saída de estudos), os mesmos relatam (14anos até 18anos), que sentem que muitas vezes, a maioria das/dos educadores não escutam elas/eles, simplesmente corrigem e seguem com os conceitos fechados e prontos, sem interligar com suas realidades, relataram mais um exemplo que estava no livro didático sobre o sebo de porco (o que era utilizado normalmente), estudante quis citar exemplos do que faziam em sua casa, mas profe simplesmente cortou e falou que aquilo não era importante. Segundo a fala de um estudante: “a gente se desanima de vir pra escola porque sabemos que muitas coisas nunca vamos usar na roça, no trabalho, no cotidiano,

então muitos dias é melhor ficar em casa aprendendo com o pai e a mãe do que vir aqui perde tempo...”.

Por meio dos recortes de falas acima é possível perceber a sala de aula ou a escola como jogo de poder, fica evidente o “poder da língua formal” para que possa haver diálogo e/ou colocações em aula, não julgo aqui a postura do/da professor/professora, pois acredito que o/a mesmo/mesma teve sua formação de forma “fechada, moldada, cobrada dentro de um padrão, de uma forma desejável”, contanto acaba cobrando da forma que aprendeu que “seria o correto ser”, neste patamar fica visível o quanto a nossa língua, que possuímos, falamos, nos comunicamos com “nossas variações locais, regionais...”, é “controlada por uma minoria dominante da sociedade como um todo”, ou seja, pessoas que possuem acesso amplo ao conhecimento “ditam e moldam conforme acham mais conveniente” para estigmatizar e silenciar a maioria, pois como “pessoas simples ousariam expor seu pensamento, seus conhecimentos... se “não sabem falar bem”?”

Por meio das várias leituras, percebe-se que a dominação que poucos exercem sobre muitos, continua cada vez mais forte, principalmente, se educadores/educadoras não discutirem sobre essa temática.

Ainda no meio educacional, dentro da variação linguística, existentes algumas questões que podem causar confusões, na verdade equívocos que não são bem compreendidos, com base em Faraco (2007):

[...] parece nascer do fato de os acusadores não distinguirem, como fazem os linguistas, duas realidades distintas: as variedades cultas (designadas pela expressão genérica norma culta) e a norma-padrão. É premente a necessidade de distinguir esses conceitos sob pena de levar adiante ações pedagógicas desencadeadas por esse entendimento dúbio. A norma culta concerne à existência de variedades sociais a que se atribui o qualificativo “cultas”. São, em geral, as variedades que ocorrem em usos mais monitorados da língua por segmentos sociais urbanos, posicionados do meio para cima na hierarquia econômica e, em consequência, com amplo acesso a bens culturais, em especial à educação formal (Faraco, 2007, p. 32-33). Trata-se de variedades que não são homogêneas. São manifestações do uso vivo (normal) da língua. Por sua vez, a norma-padrão é um construto idealizado, uma codificação taxonômica das formas assumidas como um modelo linguístico ideal. Em geral, a fixação de um certo padrão responde a um projeto político que visa impor uma certa uniformidade onde a heterogeneidade é sentida como negativa (como ameaçadora de uma certa ordem). Foi esse o caso do Brasil no século XIX, em que uma certa elite letrada, diante das variedades populares [...] E face a um complexo jogo ideológico trabalhou pela fixação de uma norma-padrão (Faraco, 2007, p. 34-35). Nessa perspectiva, a norma culta é o ambiente das variedades de uso da língua devidamente rastreadas por segmentos que detêm condições para exercer essa função e imprimir um certo equilíbrio a essa condição heterogênea. Por sua vez, a norma-padrão é caracteristicamente homogênea, decorrente de um projeto, uma planificação. (CORREA, 2009, p. 73).

Portanto, nesse dualismo de forças, encontram-se as/os sujeitos/sujeitas que foram e/ou são estigmatizados pela sociedade educacional que atende aos interesses impostos por uma pequena minoria de “pensadores letrados”.

Contanto, ainda buscando os pequenos recortes de falas, a importância de um olhar para com o ensino de educação em ciências, valorizando os saberes populares (da família, da comunidade...), os quais garantiram a sobrevivência por muito tempo, ainda a cientificidade acadêmica é extremamente relevante, mas até que ponto devemos pedir aos estudantes decorar tabela periódica, etc. se as/os que estão próximos à terra tem um patamar enriquecido dos componentes da mesma, os quais também são essenciais para o desenvolvimento da vida no solo.

Portanto, ainda fazendo relação com o preconceito e variação, na obra de Bagno (2018), o mesmo aponta Dez cisões para um ensino de língua não (ou menos) preconceituoso. Citarei apenas uma nesta análise:

10 ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir, é elevar e não rebaixar a autoestima do indivíduo. (BAGNO, 2018, p. 202).

Por meio da leitura do trecho acima citado, sabe-se que o respeito ao conhecimento das/dos sujeitas/sujeitos é de extrema importância, o que nos remete as nossas práticas diárias, exporei nos anexos um dos exemplos (Conhecer o presente depende do resgate e valorização do passado) que foi possível realizar em sala de aula (mais especificamente nas aulas de Língua Portuguesa na escola em que lecionei em 2019), mas que acabou sendo um projeto que ocorreu de forma interdisciplinar (penso que até transdisciplinar – compreensão do conhecimento de forma plural, ou seja, não separando-o por disciplinas e multidisciplinar – ocorre entre várias disciplinas e pesquisas), por toda escola, o mesmo que foi produto de trabalho de um ano (2019), e que fez parte de um projeto maior do Município de Canoinhas, intitulado Leia Canoinhas, o que instiga efetivamente, as pessoas (todas), a conhecerem sua história, ler de fato nossa região e ter orgulho da nossa história local.

Penso que esse resgate auxiliou a diminuir o preconceito linguístico em sala de aula e fora dela, pois na roda de chimarrão todos/todas estudantes deveriam compartilhar suas descobertas que obtiveram de conversas com familiares e amigos/amigas (oralmente), mediados pela professora regente (eu) e escutados (sem interrupção) por todas/todos (inclusive pedagogas, orientadoras, direção escolar...), ainda expuseram suas histórias (orais e posteriormente, escritas ou seja registradas), na Feira Pedagógica e na exposição municipal do Leia para todas/todos munícipes e região, inclusive com “personagens de lendas locais”. Ressalto ainda, que na exposição oral para todos (em geral), as/os estudantes “não foram obrigadas/obrigados a seguir um roteiro de fala pronto”, os mesmos se auto-organizaram e apresentaram, resultado foi surpreendente e muito positivo.

Percebo que é na escola, na sala de aula, na interação professora/professor x estudantes e estudantes x estudantes e comunidade, que de fato, os conhecimentos se cruzam, valorizando os conhecimentos prévios que as/os estudantes possuem e que aprendem de forma “simples” e relatam “se a oportunidade for dada”, portanto a escola, junto com a/o professora/professor podem “fazer um ambiente diferente”, em que as/os estudantes sintam-se pertencentes à escola e a mesma seja parte importante de interação significativa com o local em que está inserida.

3 CONCLUSÃO

Após a realização da parte dessa pesquisa, pode-se perceber o quanto é importante falarmos, estudarmos, pesquisarmos e construirmos nossas práticas de forma que envolvam e valorizem as/os estudantes, as/os verdadeiras/verdadeiros sujeitas/sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, para que realmente não se sintam estigmatizadas/estigmatizados, silenciadas/silenciados e não reconhecidas/reconhecidos na escola e na sociedade.

A possibilidade e a importância de estudar mais sobre esta temática é grande, pois é perceptível no cotidiano que há um porquê dos diferentes falares, principalmente no ensino de ciências e matemática, uma das intenções é desmistificar um pouco sobre o preconceito linguístico, para que, futuramente, nenhum ser humano brasileira/brasileiro sintam-se desprestigiada/desprestigiado em não falar a norma padrão, mas que saiba, sim, falar, entender e respeitar o meio em que ela/ele vive, tendo consciência dessas diferenças e variações linguísticas que podem estar presentes no dia a dia.

Ainda em tempo, vale ressaltar a ideia que deve ter uma forma padrão de escrita para fins de divulgações científicas e documentais, porém que a mesma não seja considerada a “única” na exposição de ideias, para que assim nenhuma/nenhum educanda/educando tenha vergonha do seu jeito de se expressar, valendo da importância da comunicação, “comunicou, isso que importa”, fez-se entender.

Contanto, de acordo com as hipóteses iniciais pode-se depreender que a/o estudante ao compreender por meio de sua realidade poderá fazer relações do conhecimento local com o científico, quando seus relatos são valorizados, potencialmente, facilitará sua aprendizagem.

Com esse enfoque, procura-se resgatar a importância da/do profissional (educadora ou educador), que está à frente em sala de aula, pois é de grande relevância que saiba ouvir “os diversos falares”, carregados de conhecimentos que as/os educandas/educandos possuem de suas vivências, ressalva-se que o conhecimento construído a partir da academia é muito importante e instigante, ainda considero a leitura de extrema importância, mas para estudantes ter paixão para ler e ler sobre vários temas, é necessário instigar o conhecimento, “aquele conhecimento carregado por anos pelos antepassados, passados de forma oral/prática de geração em geração afim de garantir nossa sobrevivência” Mas na grande maioria das vezes, “silenciados discretamente ou grosseiramente pelos ouvidos de sala de aula”, exatamente isso

acaba instigando estudantes a buscar saber mais, ler, entender, fazer relações, pois acarreta em auxiliar e muito no processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BORTONI, Ricardo. Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAGNO, Marcos. **Língua de Eulália.** São Paulo: Ática, 2001.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino.** São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos; **Preconceito Linguístico.** Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 5ª edição, 2018.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa.** In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma.* São Paulo, Edições Loyola, 2002.

CASTILHO, Ataliba de, (org) **Gramática de Português Falado.** Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2002.

CORREA, D. A. **Política linguística e ensino de língua.** *Calidoscópico*, v. 7, n. 1, p. 72-78, 2009.

COSERIU, Eugênio. **Sistema, norma e fala.** In: *Teoria da linguagem e lingüística geral: cinco estudos.* São Paulo: Presença, Edusp, 1979.

DAMASIO, F; PEDUZZI, L. O. Q. **História e Filosofia da Ciência na educação científica: para quê?** *Revista Ensaio - Pesquisa em Educação em Ciências*, v.19, 2017.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós.** In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma.* São Paulo, Edições Loyola, 2002, p.37-60.

GNERRE, Maurízzio. **Linguagem, escrita e poder.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LUCCHESI, Dante. **Norma lingüística e realidade social.** In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma.* São Paulo, Edições Loyola, 2002, p.63-90.

HARRES, J. B. S. **Uma revisão de pesquisas nas concepções de professores sobre a natureza da ciência e suas implicações para o ensino.** *Investigações em Ciências*, v. 4, 1999.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MENEZES, Gilda e outros. **Como usar outras linguagens na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2000.

SOARES. Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 17ªed. São Paulo: Ed. Ática, 2002, 95 p.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo, Rio de Janeiro, Martins Fontes, 2008.

_____ **A ABORDAGEM DA LINGUAGEM NO ENSINO DE CIÊNCIAS EM TESES E DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS**. GARCIA, Junia Freguglia Machado & LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro, 2009. Disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/1265.pdf>. Acesso em 11 de janeiro de 2020.

_____ **A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO NARRATIVA NA EDUCAÇÃO**, RABELO, Amanda Ribeiro, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302011000100011&script=sci_arttext. Acesso em: 19 de janeiro de 2020.

_____ **A LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: um mapeamento das publicações dos ENPECs de 2005 a 2009**, 2009. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0304-2.pdf>. Acesso em 11 de janeiro de 2020.

_____ **A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: concepções e práticas pedagógicas**, 2017. Disponível em Periódico Ciência & Educação: Dialnet-AVariacaoLinguisticaNaEducacaoContemporanea-6399942.pdf. Acesso em 24 agosto 2019.

_____ **CONTRIBUIÇÕES INICIAIS PARA UMA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA**. CAMILLO, Juliano, São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/81/81131/tde-25112015-144311/publico/Juliano_Camillo.pdf, acesso em 30 dezembro de 2019.

_____ **EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA: A FUNÇÃO DA LINGUAGEM NO CONTEXTO DA SALA DE AULA**. KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; QUADROS, Everton Luís Luz de; OLIVEIRA, Rosane Alves Pretto de and RAMOS, Maurivan Güntzel. *Ens. Pesqui. Educ. Ciênc. (Belo Horizonte)* [online]. 2017, vol.19, e2982. Epub Dec 18, 2017. ISSN 1415-2150. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172017190133>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epec/v19/1983-2117-epec-19-e2982.pdf>. Acesso em 12 de janeiro de 2020.

_____ **LÍNGUA E LINGUAGEM COMO ORGANIZADORAS DO PENSAMENTO EM SAUSSURE E BENVENISTE**. SEVERO, Renata Trindade, Londrina, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/14495/13156>, acesso em 14 de janeiro de 2020.

_____ **POLÍTICA LINGÜÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA**, CORREA, Djane Antonucci, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/4856>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

_____ **REFLEXOS PEDAGÓGICOS DA SIMPLIFICAÇÃO DO GERÚNDIO EM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**, COSTA, Geisa Borges da, Bahia, 2008. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/selipeanais/anais/geisaborges.pdf>

_____ **SABERES TRADICIONAIS E A ESCOLA: O Futuro da Sociedade Sustentável**, CORDULA, Eduardo Beltrão de Luceba, Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente 4(1):106-110, jan-jun, 2013. Disponível em: <http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/146/345>, acesso em: 20 de janeiro de 2020.

_____ **VISIONES DEFORMADAS DE LA CIENCIA TRANSMITIDAS POR LA ENSEÑANZA**, 2002, disponível em revista Enseñanza de las Ciencias em: https://www.researchgate.net/publication/39077652_Visiones_deformadas_de_la_ciencia_transmitidas_por_la_ensenanza. Acesso em 12 dezembro 2019.

ANEXOS

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOINHAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
EBM SEVERO DE ANDRADE

CONHECER O PRESENTE DEPENDE DO RESGATE E VALORIZAÇÃO
DO PASSADO

Projeto de incentivo à leitura e ao conhecimento local desenvolvido na Escola Básica Municipal Severo de Andrade, envolvendo toda a comunidade escolar coordenado pela Secretaria Municipal de Educação.

CANOINHAS

2019

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o ato de ler, não depende somente das leituras, mas que são necessários meios para instigar aos estudantes a leitura. O município de Canoinhas desenvolve o Projeto Leia Canoinhas, o qual a intenção é realizar leituras, mas que as mesmas sejam relacionadas com a realidade do Município, de fato ler Canoinhas, conhecer Canoinhas (SC), ou seja, suas histórias, lendas, mitos, conflitos, o que possuía nestes locais e como atualmente se encontra.

O ato de ler está sendo amplamente discutido no meio pedagógico. Freire (2006, p. 22) define:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Com essa afirmação, entende-se o significado de leitura e sua importância para o desenvolvimento amplo dos educandos.

A leitura é compreendida como parte integrante do indivíduo, proporcionando o desenvolvimento da linguagem, do pensamento crítico e ativo.

A escola precisa incentivar o ato da leitura desde os primeiros momentos que a criança adentra no espaço educacional, pois é através do ler que os estudantes iniciam a sua formação individual, tanto no aspecto social, como emocional.

Ler é um ato de amor, portanto não deve ser vivido somente na escola, para despertarmos uma comunidade leitora, precisamos introduzir a família nesta atividade. Esse é um dos princípios que rege nosso projeto, levar até a família conhecimento por meio da leitura e em contrapartida trazer o conhecimento popular para dentro da escola, resgatando e valorizando o que os povos construíram até nossa chegada.

JUSTIFICATIVA

A leitura é uma atividade de grande importância nos bancos escolares, pois tem o poder de despertar a curiosidade, desenvolver o imaginário da criança e do adolescente, proporcionando a ampliação da criatividade bem como o repertório linguístico.

O ato de ler nos possibilita um maior entendimento e associação com a realidade, fazendo com que o educando desenvolva a criticidade baseada em fatos e descobertas.

Nossa escola, durante esse ano letivo proporcionará momentos prazerosos com a leitura, dando ênfase também a leitura direcionada ao meio ambiente, pois este é projeto diretriz na nossa unidade escolar.

Ainda dentro do contexto de leitura, a escola proporcionará diversas formas, inclusive aquela que permite ouvir pessoas da família (anotar, contar posteriormente), como forma de conhecer o contexto local.

Objetivos Gerais

- Despertar nos educandos da nossa unidade escolar o hábito prazeroso e significativo pela leitura.
- Conscientizar os alunos e alunas da importância de proteger o meio ambiente para manter a sobrevivência humana na terra através da leitura.
- Instigar aos estudantes por meio da pesquisa de relatos locais o conhecimento aos contos e lendas;

Objetivos Específicos

- Resgatar a cultura local;
- Valorizar o passado de um povo;
- Trazer textos informativos sobre o meio ambiente e sua relação com lendas e curiosidades locais;
- Relacionar informações do passado com o futuro;
- Promover estudos, pesquisas, debates, palestras e atividades sobre as questões ambientais conhecidas através de momentos de leitura;
- Estimular descobertas e curiosidades;
- Gerar aprendizagens múltiplas;
- Desmistificar o uso da língua falada (variações linguísticas);
- Integrar os diversos profissionais da escola;

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A história, o tempo, a leitura, a memória e o ambiente em que estamos inseridos estão interligados, pois é por meio de registros que conhecemos nossas raízes e nossa época histórica.

[...] as coisas ditas no passado e transmitidas até nós por uma cadeia de interpretações, é preciso acrescentar uma dialética formal de distância temporal o passado nos interroga e questiona antes que o interroguemos e o questionamos (RICOEUR, 1997, p. 381).

Portanto, ao ouvirmos ou lermos a história contada e/ou transmitida por alguém por meio de relatos, textos, fotos... permite que nos questionamos sobre diversos momentos históricos do nosso território e de nossas vidas, comparando com o presente e refletindo sobre o futuro.

De acordo com Paul Thompson (1992), a singularidade é profunda lição da história oral e de cada história de vida, pois ao ter depoimentos pessoais, os mesmos referem-se aos processos sociais e históricos, com muita emoção, pois não raro quando um cidadão relata sobre algo vivido, transmite sua vivência carregada de emoção e sentimento.

A contradição mais flagrante da história é sem dúvida o fato de seu objetivo ser singular, um acontecimento, uma série de acontecimentos, de personagens que só existem uma vez, enquanto que seu objetivo, como o de todas as ciências, é atingir o universal, o geral, o regular. (Le Goff, 1984, p.169).

Ao propormos o desenvolvimento das atividades de leitura e contos, pode-se ser possível perceber a riqueza que havia e há em nosso território, além de abrir possibilidades de informações perdidas no tempo, bem como realizar resgates, conhecendo melhor os sujeitos que compõe nossa realidade escolar, ainda realizar comparações do antes e do agora em relação a preservação ambiental e toda a diversidade que à compõe.

Ainda ao ouvirmos os relatos ou histórias contadas pelos estudantes e profissionais, abre-se para a diversidade, aceitação de que todos participam de um meio escolar inseridos em uma comunidade, que essas pessoas possuem uma forma própria de falar, além de expressões...

e que as mesmas devem ser respeitadas por todos. Inclusive aprende-se a valorizar a história local.

METODOLOGIA

Percebe-se a importância da leitura nas salas de aula e fora dela, bem como a grande necessidade dos sujeitos inseridos no meio escolar se reconhecerem como pessoas que pertencem a uma história local (nossa região Planalto Norte, Canoinhas), a qual é contada de geração em geração de forma oral, muitas vezes escutadas, mas perdem-se no tempo.

A escola, no início do ano letivo, juntamente com diversos profissionais, buscou desenvolver um pequeno resgate histórico, pedindo aos estudantes que conversassem com seus familiares, vizinhos... sobre o que conheciam do Contestado (guerra, lendas, contos e relatos de como era o meio ambiente na época), o qual seria compartilhado com colegas e demais profissionais da escola em rodas de chimarrão.

No desenvolvimento destas atividades de leitura e contos foi possível perceber a riqueza que o nosso espaço-físico é composto e o quanto de informações perdidas no tempo foram possíveis resgatar conhecendo melhor os sujeitos que compõe nossa escola, bem como fazer comparações do antes e do agora em relação a preservação da fauna e da flora.

Ações desenvolvidas com os professores e estudantes:

- 1- Reunião com os professores e equipe pedagógica sobre o Leia Canoinhas;**
- 2- Relacionar o projeto Leia Canoinhas com o projeto interno da escola: “Preocupar-se com o futuro depende de nossas ações no presente”.**
- 3- Leitura de diversos tipos textuais realizadas no Momento da Leitura, desenvolvido na escola;**
- 4- Pesquisa com os familiares (pais, vizinhos, avós) sobre lendas locais;**
- 5- Rodas de conversas;**
- 6- Rodas de chimarrão;**
- 7- Reconto das lendas da nossa cidade, mais específico do nosso bairro Campo da Água Verde;**
- 8- Produção de vídeos caseiros relacionando o tema Lendas com Meio Ambiente;**
- 9- Proporcionar momentos de leitura com e sem orientação de temas;**
- 10- Estimular a leitura por meio de teatros, músicas e histórias;**

CONCLUSÃO

Com este projeto podemos perceber o quanto é necessário o resgate da nossa cultura local, pois é nesse espaço que estão as raízes das famílias que compõe nossa unidade escolar.

Pode-se perceber o envolvimento de todos os profissionais da escola, perpassando as atividades desde os alunos do pré-escolar até as turmas do nono ano.

Na roda de chimarrão ouve a participação de estudantes, professores, equipe pedagógica, serventes e cozinheiras, mostrando o quanto esse tema faz brilhar os olhos. Por meio dos relatos, histórias, acontecimentos passados, faz-nos termos orgulho da nossa história, bem como aos estudantes para “onde forem não ter vergonha da sua origem”, da sua fala, da sua história e principalmente, os mesmos ao final do projeto e apresentação estarem conscientes do porque “falam diferente”, das variações linguísticas existentes, enfim do preconceito que não pode ocorrer, nenhuma forma de preconceito.

Ler é despertar emoções e transformar em conhecimento real e significativo.

REFERÊNCIAS:

A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E AFETIVO DA CRIANÇA, acesso 23 de agosto de 2019, disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01396701/>

HISTÓRIA ORAL – MEMÓRIA, TEMPO E IDENTIDADES, acesso 24 agosto de 2019, disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=7pwqDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=A+contradi%C3%A7%C3%A3o+mais+flagrante+da+hist%C3%B3ria+%C3%A9+sem+d%C3%BAvida+o+fato+de+seu+objetivo+ser+singular,+um+acontecimento,+uma+s%C3%A9rie+de+acontecimentos,+de+personagens+que+s%C3%B3+existem+uma+vez,+enquanto+que+seu+objetivo,+como+o+de+todas+as+ci%C3%A2ncias,+%C3%A9+atingir+o+un&ots=FWM2pzGwnU&sig=J_3RvTXdNSXfb4OSf-G56l-Bio#v=onepage&q&f=false

A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: um olhar para a rede pública de ensino, acesso em 07 de agosto de 2019, disponível em: https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/LED_EaD/article/view/1497

O TEMPO COMO TEMA E PROBLEMA: UM ESTUDO DO LIVRO XI DAS *CONFISSÕES* DE SANTO AGOSTINHO, NA INTERPRETAÇÃO DE PAUL RICOEUR, acesso em 20 de agosto de 2019, disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/t00008.htm>